

## MUITO CHORO NOS PRIMEIROS DIAS

Especialistas afirmam que o comportamento dos pais influencia na adaptação de crianças e bebês à escola.

*Renata Cafardo*

O ESTADO DE SÃO PAULO, 07 de fevereiro de 2005

Uma criança se agarra ao pescoço da mãe, enquanto o coleguinha, já com brinquedo na mão, olha assustado. Na outra sala, a avó promete um "carrinho vermelho e bem grande" para que o neto aceite ficar no colo da professora. Um menorzinho chora alto e forte, sentado na cadeira. E crianças correm por todos os lados.

As cenas se repetem este mês nas escolas de educação infantil; bebês e crianças com até 4 anos chegam para os primeiros dias de aula. Apesar da aparente dificuldade em aceitar esse novo mundo, a chamada adaptação escolar acaba sendo algumas vezes até mais difícil para os pais do que para os filhos, dizem educadores. "Dá uma dor no coração deixá-la sozinha", afirma a administradora de empresas Patrícia Martire, mãe de Victoria, de 1 ano e 9 meses, que chegava para seu terceiro dia na Escola Mágico de Oz, na Chácara Flora.

É claro que Victoria não estará sozinha. "A criança sofre com a separação na medida em que os pais também sofrem com isso", diz o neuropediatra e professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Luiz Celso Vilanova. Ele explica que a adaptação depende de como os pais encaram a escola. "Se é vista como algo positivo, que vai ajudar no seu crescimento e desenvolvimento, fica mais fácil. Se os pais sentem culpa ou medo, a criança percebe e fica angustiada", completa o especialista.

Eduardo Monteiro dos Santos, de 1 ano e meio, chorava no colo da professora, que tentava fazê-lo tomar a mamadeira na Mágico de Oz. Na recepção da escola, sem nem ver o que estava acontecendo lá dentro, a avó Cleide Monteiro chorava também. "Ele puxou a minha mão assim que chegou na porta da sala de aula", contava, com lágrimas nos olhos. Mais tarde, vendo o menino mais tranqüilo no colo da professora, chorou novamente. "Eu é que preciso me adaptar."

Cleide preferiu ficar esperando na escola, caso o neto chamasse por ela. O comportamento é recomendado pelas escolas nas primeiras semanas de aula. "A gente explica para a criança que os pais estão por perto, que poderá vê-los quando quiser, até que ela estabeleça vínculos com a professora", diz Paola Capraro, uma das diretoras da Escola Engenio Montale, que é bilíngüe.

O período de adaptação, segundo educadores, costuma ser de cerca de uma semana. O horário que a criança permanece na escola deve ser aumentado progressivamente na medida em que ela vai se acostumando com a nova rotina. "Os pais se preocupam, mas, até hoje, não conheci uma criança que não se adaptasse à escola", diz a coordenadora da educação infantil do Colégio Santa Maria, Sueli Gonçalves Gomes.

## CERTEZAS

Para que a adaptação seja mais tranqüila, os pais devem ter pelo menos duas certezas: de que escolheram bem a escola dos filhos e de que a educação nessa faixa etária é importante. "A criança pequena precisa de estimulação adequada e a escola propicia isso", diz Vilanova. Em um país com milhões de pais analfabetos como o Brasil, completa, a escola é essencial pelo menos a partir dos 4 anos. Ele também discorda de famílias de classe alta que preferem deixar seus filhos aos cuidados de babás, com baixa escolaridade, a matricularem na escola.

A educação infantil, que vai do 0 aos 5 anos e inclui desde a creche até a pré-escola, foi definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1996, como a primeira etapa da educação básica no Brasil. A neurociência já mostrou que a maioria das conexões cerebrais é formada no período entre o nascimento e os 3 anos, graças à interação do bebê com os estímulos do ambiente. Estudos também provam que crianças que cursam educação infantil são alfabetizadas com mais facilidade.

Além disso, pesquisas internacionais apontam os benefícios do investimento governamental na primeira infância, em áreas como saúde, previdência social e até do sistema prisional. Há cerca de 7 milhões de crianças brasileiras matriculadas na educação infantil, segundo o Ministério da Educação.

Enquanto os mais pobres ainda sofrem principalmente com a falta de vagas em creches públicas, muitas escolas particulares atualmente têm pediatras, enfermeiras, nutricionistas, além das professoras, a disposição dos alunos. "Se a criança fica doente, avisamos a mãe, medicamos, mas não pedimos para que ela venha buscar. Se o aluno está aqui, nós é que devemos cuidar", diz a diretora da Mágico de Oz, Claudia Tricate.

## CHORO E DOENÇAS

Educadores explicam que o choro é praticamente inevitável nos momentos de despedida. "Ele é interpretado como se a criança não gostasse da escola. Mas ela não gosta de se separar dos pais e têm medo do que pode acontecer", diz o coordenador pedagógico da Escola Estilo de Aprender, Marcelo Cunha Bueno.

Ele conta que quando a criança não chora, os pais até estranham. A psicóloga que trabalha no Colégio Santo Américo, Déborah Bulbarelli Valentini, conta que há alunos que ficam tranqüilos e contentes no primeiro dia e, nos outros, passam a chorar. "Alguns gostam é da novidade."

As pequenas patologias, avisam os médicos, também são comuns no período escolar porque a criança passa a ter contato com um número maior de pessoas. "Ela compartilha tudo, inclusive vírus e bactérias", diz o neuropediatra. Perda do apetite, sono agitado, xixi na cama, dor de barriga também podem aparecer, já que ela está exposta a uma situação de tensão, típica de mudanças de rotina. Para Vilanova, só doenças gravíssimas justificam a interrupção da escolaridade da criança.

Já os pais, algumas vezes, padecem de culpa e ciúme. Segundo Sueli, do Santa Maria, há mães que encaram a escola como uma concorrência. Esse comportamento atrasa ou até impede que a criança crie vínculos com a professora. Outros se sentem culpados por estarem "largando" os filhos na escola por causa do trabalho. Nessas situações, especialistas dizem que, mais uma vez, é preciso lembrar da importância da educação infantil no desenvolvimento das crianças.